

Dr. Saúde

Pesadelo de volta

JOÃO RAFAEL TORRES
DA EQUIPE DO CORREIO

A suspeita de mais um ataque fatal da hantavirose em São Sebastião despertou a angústia nos moradores do bairro Morro Azul, próximo à entrada da cidade. Eles acordaram para o risco da doença com a morte da empregada doméstica Marinalva Pinto da Cruz, 25 anos, na última segunda-feira. Mesmo sem a confirmação do caso, o risco de infecção no local é iminente. O bairro é cercado por chácaras e áreas verdes. O esgoto corre a céu aberto pelas ruas e os moradores encontram ratos dentro e fora das casas. "Sem infra-estrutura, isso aqui se torna um hotel cinco estrelas para a *rataiada*", reclamou a dona de casa Maria Neuza de Jesus, 35 anos, vizinha de Marinalva.

Na manhã de ontem, Maria Neuza e outros vizinhos se reuniram para protestar contra a morte da doméstica. Todos faziam

questão de ressaltar o asseio com que Marinalva cuidava da casa. "A filha dela (uma menina de quatro anos) nem parecia uma criança criada no barro, de tão limpas que eram suas roupas", comentou a vizinha.

Os moradores do Morro Azul estão apreensivos. Existem casas a menos de 50 metros do mato. Desde que surgiu o surto da doença, a estudante Gardênia Lopes dos Santos, 20, usa máscara para limpar a casa. Na manhã de ontem, matou dois ratos quando cuidava da casinha do cachorro. "Nem quero saber se o rato é silvestre ou não. Quero mesmo é ter minha cidade limpa, como é den-

Cadu Gomes



GARDÊNIA (D) SÓ LIMPA A CASA COM MÁSCARA: VIZINHOS SE REUNIRAM PARA PROTESTAR CONTRA MAIS UMA SUSPEITA DE HANTAVIROSE EM SÃO SEBASTIÃO

tro da minha casa."

A falta de saneamento é considerada o principal problema entre os moradores, que reconhecem a ausência de consciência ecológica como indício para o aparecimento dos ratos. Quando há fumaça no mato, todos sabem que precisam vedar as portas de casa para conter o avanço dos roedores. "É deplorável pensar que nossas crianças precisam ficar trancadas dentro de casa e, nem mesmo assim, ter segurança", reclamou o cozinhei-

ro Osmane José da Silva, 33 anos.

Enterro

Marinalva foi enterrada ontem no Cemitério Campo da Esperança. Na capela quase vazia, um homem chorava inconformado com a perda da companheira. Péricles Carlos da Silva, 25 anos, desempregado, velava o corpo da mulher, morta na terça-feira. A dúvida de Péricles estava entre as mãos, no atestado de óbito. "Causa indeterminada não é resposta para ninguém. Tenho di-

reito de saber a causa da morte dela", diz. Marinalva pode ter sido a quinta vítima da hantavirose em São Sebastião. Ela morreu na noite da segunda-feira, no Hospital de Base, com os sintomas da infecção. A Secretaria de Saúde investiga o caso.

A surpresa de Péricles está na rapidez da morte, e, principalmente, nos primeiros diagnósticos feitos pela equipe médica. No domingo, ele e Marinalva foram até a Unidade Mista de Saúde de São Sebastião. Ela estava com fe-

bre. A primeira avaliação médica diagnosticou dor de garganta e forte gripe. Depois de ser medicada com analgésicos e antibióticos, Marinalva voltou para casa.

O primeiro exame de sangue para investigar o caso com mais precisão só foi feito no dia seguinte. Como os sintomas não cederam à medicação, Marinalva resolveu voltar ao posto na manhã da segunda-feira. Os médicos coletaram sangue e falaram que a doença era hepatite. Pela segunda vez, recomendaram que

ela voltasse para casa. Deveria voltar na terça-feira e fazer um novo exame, para diagnosticar o tipo de hepatite que tinha.

Mas, por volta das 19h, a febre e a dor de cabeça aumentaram. Marinalva também sentiu dores nas costas. Péricles resolveu ligar para os patrões da mulher, que pensaram em interná-la em um hospital particular. Depois de consultar um médico, a família foi orientada a seguir para o HBDF.

Ao chegar no HBDF, Marinalva seguiu para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). No meio da noite, precisou de ajuda de um respirador artificial. No começo da manhã, Péricles recebeu o telefonema de uma médica da equipe. "Disse que era hantavirose e a Marinalva tinha piorado muito. Alertou que ficássemos preparados para o pior. Meia hora depois, recebi outro telefonema avisando que ela tinha morrido", lembrou.

Com a morte da mulher, Péricles decidiu se mudar com a filha para Pirapora (MG). O medo da hantavirose o fez fugir de São Sebastião. Segundo ele, a doméstica tinha sido internada pela última vez há quatro anos, quando a filha do casal nasceu. "Se preocupava muito com a nossa saúde. Mas parece que a limpeza não foi suficiente para evitar a própria morte. Melhor sairmos daqui antes de morrermos também."

Da cidade mineira, Péricles pretende acompanhar o resultado do exame. Quer saber a causa da morte da mulher. E ainda alerta os vizinhos. "Ninguém vai ter segurança enquanto ratos andarem pela rua por cima do esgoto", afirmou.